

artículos. Habla por el trabajo la variedad de los enfoques que el autor sostiene; el hecho que está en acuerdo con las palabras de C. Otaola Olano (2004: 94): “[...] ya es generalmente aceptado que toda descripción [de la formación de palabras] debe contemplar la forma, la sintaxis y la semántica, es decir, que se tendrán en cuenta no sólo los aspectos morfológicos [...]”³.

Monika Šinková

Petr Čermák, **Tipología del español actual a la luz de la tipología de Vladimír Skalička**, Praha, Karolinum 2009, 232 p.

Não obstante ter sido já publicada em 2009, a presente obra, de Petr Čermák, bem merece ser amplamente divulgada, quer pela pertinência da temática, quer pela forma desenvolvida, atualizada e devidamente fundamentada, patente ao longo de todo o volume. A sua estrutura obedece a cinco capítulos subdivididos em vários subcapítulos, os quais traduzem a análise detalhada de uma vasta documentação conservada de Vladimír Skalička, que o autor utilizou na construção do seu estudo.

Numa breve introdução (pg. 9-14), P. Čermák alude ao seu interesse pelo assunto e a outros trabalhos que, anteriormente, foram dedicados à problemática da classificação tipológica de línguas segundo a Escola de Praga. O objectivo central da obra consiste na análise tipológica da língua espanhola segundo a teoria elaborada por um grande linguista checo do século XX, Vladimír Skalička, cuja alta qualidade é destacada por P. Čermák que acrescenta que o método da classificação tipológica de V. Skalička, elaborada pelo mesmo nos anos trinta e oitenta do século XX, é tão inovadora que não deveria ser esquecida. V. Skalička constrói a sua teoria com base no processo comparativo das propriedades gramaticais dos diferentes idiomas. Não obstante, confessa que a descrição pura não é possível, sendo que o “tipo ideal” é uma realização extrema de tendências gramaticais. A realidade, não obstante, é que a língua é um conjunto de traços de diferentes planos linguísticos que se influenciam mutuamente. Os seus tipos linguísticos constituem um conjunto muito rico em traços caracterizadores. Nenhum idioma vivo, não obstante, corresponde a um único tipo linguístico, sendo que em cada língua pode haver combinação de diferentes traços gramaticais.

O autor tenta encontrar as propriedades linguísticas, estabelecidas por Skalička, na língua espanhola. Já no início antecede que pretende partir de uma única teoria sem se deixar influenciar por outras teorias relativas ao tema de tipologia de línguas, que têm surgido até hoje, o que tem o seu fundo de justamento caso levarmos em consideração o facto de o objetivo da obra ser uma descrição tipológica mais “homogénea” possível.

Num primeiro capítulo ainda igualmente introdutório, intitulado “La Teoría Tipológica de Vladimír Skalička” (pg. 13-29), depreende-se tratar-se de uma teoria dinâmica que, na sua já longa história, passou por três mudanças pilares, isto é: a desapareção do termo sema, o abandono da ideia original de traços fonéticos e uma tentativa de acrescentar aos cinco tipos existentes ainda mais dois tipos (ergativo e ativo), não relevantes para o caso do espanhol. O autor salienta também a importância dos alunos e continuadores de Skalička que desenvolvem e completam a sua teoria (Petr Sgall, Jaroslav Popela) e que vai mencionando e convenientemente citando ao longo de toda a obra.

Ao mesmo tempo, o autor dedica várias páginas à abordagem da caracterização dos tipos linguísticos, i.e. aglutinante, flexivo, isolante, polissintético e introflexivo, estabelecidos por Skalička. Esta parte do livro é mesmo crucial para o leitor. O autor propõe a ideia de que em cada tipo linguístico é possível determinar “uma propriedade básica” a chamada “dominante” (neste ponto parte das propostas de Sgall no caso dos tipos isolante, aglutinante e polissintético, e da proposta de

³ OTAOLA OLANO, Concepción. *Lexicología y semántica léxica: teoría y aplicación a la lengua española*. Madrid: Ediciones Académicas, 2004.

Popela no caso do tipo flexivos e introflexivo) e outra propriedade secundária, a qual terá surgido da evolução etimológica.

Em seguida, no segundo capítulo chamado “Caracterización tipológica general del español” (pg. 31-40), o autor entra mais diretamente no tema fulcral da obra, isto é, na caracterização de todas as categorias gramaticais do espanhol contemporâneo, servindo-se dos seguintes termos mais importantes: diferenciação vertical (sema: morfema, morfema: palavra, palavra-oração) e horizontal (sema: sem a, morfema: morfema, palavra: palavra). O morfema é dividido em semantema e formema. O autor do livro, P. Čermák, também inclui as observações skaličkianas relativas à língua espanhola, lembrando o conhecimento recíproco de Coseriu e Skalička cujas concepções do “tipo” eram diferentes. Neste segundo capítulo, o autor destaca mais uma vez que “las lenguas vivas no corresponden a un único tipo, son una mezcla de distintos tipos. Rasgos de diferentes tipos se dan en distintos subsistemas parciales”. (pg. 34). O autor não se esquece de mencionar o problema metodológico que teve que enfrentar, relevando-se como o maior obstáculo a diferença fundamental dos seus subsistemas-clave, ou seja do subsistema nominal e verbal. Estas razões levam o autor a analisar separadamente não só os diferentes planos linguísticos, como também todas as categorias gramaticais dentro das classes lexicais.

O terceiro capítulo denominado “Tipología Fonológica” (pg. 41-69), o autor dedica-o à caracterização tipológica fonológica do espanhol, apesar de esta área, na literatura tipológica, ser considerada como uma parte independente da caracterização da tipologia linguística. A análise detalhada do sistema espanhol, efectuada por Čermák com base no corpora CREA, mostra que a divisão tradicional das línguas em línguas consonânticas e vocálicas não é tão unívoca e que tem que ser levada em consideração também a diferente frequência dos fonemas/grafemas no “repertório” e no texto.

No quarto capítulo, mais extenso, “Caracterización Tipológica de las Clases de Palabras Españolas” (pg. 69-163) o autor elabora uma análise detalhada de todas as categorias gramaticais dentro de todas as classes lexicais. Este capítulo tem uma estrutura muito bem pensada e também prática, sendo que o autor o subdivide conforme as diferentes classes lexicais, desenvolvendo nestas as respetivas regras gramaticais e, procedendo, à continuação, à sua análise tipológica, procura, com base em um método exata e claramente definido, as alegadas propriedades primárias (dominantes) e secundárias (mas também importantes). Esta parte do trabalho exige uma especial atenção, sendo que o espanhol tem um sistema vertical bastante variável e que em cada subsistema predominam traços gramaticais diferentes.

No quinto capítulo “Sintaxis” (164-176) mostra-se o espanhol como a língua isolante e flexiva, enquanto que as propriedades aglutinantes lhe faltam. Não obstante, a análise sintática segundo Skalička resulta muito mais problemática do que no caso da análise morfológica.

O último capítulo “El Fondo Léxico y la Tipología” (177-190) consiste em procurar os traços típicos nos processos de formação de palavras. É excluído o estudo do vocabulário sendo que V. Skalička rejeita a possibilidade de divisão tipológica dos vocábulos – signifiants. A análise é feita sobre o sistema da formação de palavras e mostra que o espanhol tem como “a dominante”, a propriedade aglutinante, sendo presentes também os traços polissintéticos, isolantes e flexivos.

Além dos aspectos positivos já referenciados – desenvolvimento aprofundado da temática, com vasto apoio bibliográfico skaličkiano, outros há a destacar, nomeadamente a perspetiva abrangente da obra. De facto, parece que não só foram objeto de análise os aspetos mais diretamente relacionados com a caracterização tipológica da língua espanhola, como outros que, embora de forma menos direta, também se repercutem naqueles. Pelo que acaba de deduzir-se que a leitura da presente obra será da maior utilidade para os filólogos que se interessam por esta área linguística. Neste caso, a obra pode ser percebida como um certo desafio e ao mesmo tempo pode contribuir para retirar as dúvidas do autor sobre o carácter de oxímoron do título da sua obra “tipología del español”. Em minha opinião, não é, sendo que vejo na obra uma implícita inspiração para elaborar uma análise tipológica skaličkiana também de outras línguas. O livro para o leitor filólogo e poliglota não é apenas

uma caracterização tipológica da língua espanhola como também, para quem domina outras línguas (e não só românicas) uma explicação de relações existentes entre a língua materna L1, a segunda língua L2 ou a língua estrangeira (LE). Sendo a obra inspiração para o futuro, um bom ponto de partida para outros linguistas e filólogos, no contexto da linguística checa poderá assim surgir um recurso muito bem fundamentado das análises tipológicas das línguas.

Além de tudo o que acima foi mencionado, vale destacar que a obra contém uma boa qualidade de notas, com úteis referências bibliográficas e com diversos outros fenômenos relacionados.

Iva Svobodová

